

**Bianca Melzi Lucchesi**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação  
em História, São Paulo, SP, Brasil.

bia\_md@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-7528-4333>

## Retratos urbanos e rurais: cidade, natureza e habitação em fotografias do final do século XIX e início do XX

### *Urban and Rural Portraits: City, Nature and Housing in Late 19th and Early 20th Century Photographs*

**RESUMO:** Utilizando principalmente a documentação fotográfica presente no Fundo Educadoras Sanitárias do Centro de Memória da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, que retrata quintais de cortiços em São Paulo, o objetivo deste artigo é mostrar de que forma as representações fotográficas da cidade neste período contribuem enquanto documento histórico para perceber e desvendar as imagens e identidades construídas para a capital paulista, considerando seus aspectos rurais e ambientais. Dentro do aporte urbano que configura São Paulo no início do século XX, será destacada a relação das habitações populares com as vivências rurais paulistanas, sobretudo a forma como os quintais de cortiços e a várzea influenciam na dinâmica econômica, social e paisagística da cidade. A delimitação territorial, a paisagem citadina, o cultivo e comercialização de plantas e animais, entre outros aspectos fazem de São Paulo, mais do que um espaço de embate, um espaço de sincretismo entre as experiências urbanas e rurais.

**PALAVRAS-CHAVES:** São Paulo; fotografia; quintal.

**ABSTRACT:** Using mainly the photographic documentation present in the Sanitary Educators Fund of the Memory Center of the Faculty of Public Health of São Paulo, which depicts slum yards in São Paulo, the aim of this paper is to show how the photographic representations of the city in this period contribute while historical document to understand and unveil the images and identities built for the state capital, considering its rural and environmental aspects. Within the urban contribution that configures São Paulo at the beginning of the twentieth century, the relationship between popular dwellings and the rural experiences of São Paulo will be highlighted, especially the way the tenement yards and the floodplain influence the economic, social and landscape

dynamics of the city. The territorial delimitation, the city landscape, the cultivation and commercialization of plants and animals, among other aspects make São Paulo, more than a space of clash, a space of syncretism between urban and rural experiences.

**KEYWORDS:** São Paulo; photography; backyard.

## Cidade e Natureza

Nas emergentes cidades industriais do século XIX – como São Paulo – o urbanismo, a arquitetura e os mecanismos visuais se submetem ao capital e torna o espaço urbano efêmero,<sup>1</sup> ou seja, a busca pelo consumo e pelo progresso construíram uma cidade em constante transição. Pensando primeiramente a estrutura pública de locomoção, algumas realizações contribuíram para a transformação do espaço citadino, como por exemplo, os transportes de via fluvial que foram perdendo força no transcorrer do século XIX – especialmente após a retificação do Tamanduateí promovida pelo engenheiro Bresser em 1849 e a instalação da primeira linha férrea na mesma época – dando lugar às comunicações terrestres, que passaram a ser a principal opção de fruição na cidade de São Paulo. No Brás, Anhangabaú e Santa Ifigênia, onde antes haviam apenas chácaras com plantações de hortaliças, frutas e chás, começa a abertura de ruas públicas, mas ainda com feições de estradas, contendo casas muito isoladas e normalmente destinadas à população pobre ou repúblicas estudantis.

Na década de 1870, o urbano ultrapassa o traçado geográfico do triângulo, entram no alinhamento bairros industriais como Brás e Mooca, antes tidas por áreas adjacentes onde predominavam chácaras e edificações irregulares. Alargar e alinhar o traçado dos caminhos agrega áreas rurais ao urbano no processo de transformação da paisagem e das funções da cidade, unindo os sentidos de belo e prático do modelo progressista de urbanismo elucidado por Choay (2010). Colaboram para este cenário o abastecimento elétrico e à gás, rede de esgoto e outras obras de infraestrutura em desenvolvimento neste período. Esse movimento transitório de composição da cidade engloba também o fluxo de pessoas e se evidencia na agitação da área do triângulo, com grande circulação de comerciantes e transeuntes, além do aparecimento do bonde e depois de carros que por ali também circulam.<sup>2</sup> Apesar de grandes e significativas, as mudanças estéticas e culturais são gradativas na cidade. Até 1872, muitas chácaras mantiveram-se em pé nos bairros de Santa

---

1. Ana Maria Moyá Pellitero. La percepción del paisaje urbano. Editorial Biblioteca Nueva: Madrid, 2011, p. 228.

2. Maria Stella Bresciani. “Imagens de São Paulo: estética e cidadania”. In: Antonio C. Ferreira, Tânia R. De Luca e Zilda Iokoi (org.). *Encontros com a História. Percursos históricos e historiografia de São Paulo*. São Paulo: Unesp, 1999, p. 29.

Ifigênia, Bom Retiro, Brás, Consolação, Liberdade, Cambuci, Mooca, Pari, Barra Funda, Água Branca, Higienópolis e Vila Buarque.<sup>3</sup>

As figurações paulistanas sob o prisma de memorialistas que retratam a cidade nos anos finais do 1800, nos apresentam a uma São Paulo cuja paisagem é mista e complexa não só em sua aparência, mas também em seu significado. A natureza das chácaras do Anhangabaú chama a atenção sob a condição de *belvedere* do Viaduto do Chá, espaço já introduzido no progresso urbano com o Teatro Municipal e o Palacete Prates. As fotografias a seguir foram reproduzidas por tomadas e fotógrafos diferentes e exibem mensagens distintas ao observador do retrato:



Vista da Várzea do Carmo a partir do Pátio do Colégio; à esquerda Igreja e Mosteiro de São Bento. – Militão Augusto de Azevedo, 1862 (Caderno do Fotografia Brasileira – Instituto Moreira Salles, 2004, p. 63)



Rua Direita; Viaduto do Chá; O casarão dos Barões de Tatuí – Anônimo (1890). Acervo fotográfico do Instituto Moreira Salles.

---

3. Ernani Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol. II – Burgo de Estudantes (1828-1872). Hucitec: São Paulo, 1984, p. 576.



Viaduto do Chã – Manuel, Frédéric (1906).  
Acervo fotográfico da Biblioteca Nacional.



Teatro Municipal de São Paulo –  
Gaensly, Guilherme (1908). Acervo  
fotográfico do Instituto Moreira Salles.

A primeira fotografia exhibe a várzea do Carmo na segunda metade do século XIX com a presença de vegetação e áreas alagadiças demonstrando o predomínio da natureza na região do vale. Ponto de passagem para os que iam em direção ao Brás ou às chácaras dos arredores da cidade, a região era muito movimentada e mantinha forte interação com a natureza. Avançando no tempo, as imagens de 1890 e 1908 retratam uma área mais alta daquela região e mostram as figurações do progresso e da urbanização na complexidade arquitetônica, no traje dos passantes e nos trilhos e cabeamentos destinados ao funcionamento do bonde. Já a fotografia intermediária, de 1906, apresenta a região do Vale do Anhangabaú numa perspectiva panorâmica que nos permite ainda vislumbrar os aspectos naturais da cidade, bem como as habitações mais simples na várzea. Os quintais detalhados na fotografia abrigam árvores frutíferas e espaços para plantação que, unidos aos varais



carregados de roupas, os tornam espaços úteis. São partes da casa que, através do cultivo de elementos naturais, possibilitam a sobrevivência dos moradores de baixa renda da capital.

A imagem da cidade de São Paulo no período destacado mescla natureza e urbanidade ressaltando a capacidade e habilidade de transformação da paisagem por seus habitantes, expressa na abertura de bairros, caminhos e superação de obstáculos. A reformulação e aumento do Jardim da Luz, por exemplo, traz em si a preocupação sanitária presente em todos os projetos de praças e jardins da cidade: a necessidade de purificar o ar e permitir a abertura de espaço para sua livre circulação.



Jardim da Luz - Gaensly, Guilherme (1902).  
Acervo fotográfico da Biblioteca Nacional.

Acrescida a esta funcionalidade está a beleza da arborização, a intenção de fazer do Jardim da Luz não apenas um lugar necessário aos pulmões, mas um lugar bonito aos olhos, aprazível, que confira ao centro um aspecto natural e belo. A dupla função das árvores na construção da cidade era entendida pelos próprios moradores da cidade, conforme documento encaminhado à Intendência Municipal por Pedro Augusto Gomes Cardim em 27 de julho de 1897, em que o vereador solicita mudança de guias para melhor arborização no bairro do Pacaembu e freguesia da Consolação. “(...) Tendo o maior empenho em conservar a arborização d’aquellas ruas (...)”, Gomes Cardim justifica a importância de sua solicitação referente à arborização “(...) que tão necessária é para o público, não só pela salubridade como pelo bom gosto e comodidade do mesmo público.”<sup>4</sup> O valor higiênico e moral dos

4. Arquivo Histórico Municipal, Fundo Intendência Municipal, Grupo Obras, Série Obras Públicas, 27/07/1897.

jardins são afirmados por Backheuser: segundo o engenheiro, o oxigênio produzido pelas folhas purifica e refrigera o clima. Ao mesmo tempo, pelo lado moral, a família que possui jardim próximo de casa garante “esse gratuito divertimento de um passeio à tarde, convidativo para o pai, que só assim não irá buscar na taverna ou longe do lar as alegrias necessárias ao seu espírito.”<sup>5</sup> Nesse sentido, a jardinagem funciona como um “operador de domesticação”. A expressão usada por Beguin se refere à domesticação do homem e suas práticas cotidianas – ligadas à higiene, vida familiar, sexualidade – através de novos aparelhos de domesticação dos fluidos, como ar, água e luz.<sup>6</sup> O parque ou o jardim que através da sua parcela de vegetação garante o frescor da brisa, domesticando o meio ambiente, também garante a diversão da família, domesticando as atividades humanas.

A revalorização de espaços naturais na cidade acontece de acordo com as transformações oriundas do processo de modernização de São Paulo, como o aumento populacional, a poluição gerada pela crescente atividade industrial, a diminuição das áreas rurais, e a abertura de pontos de encontro que disseminem um padrão civilizado de comportamento. Resgatando a história das relações entre a sociedade britânica e a natureza, Keith Thomas (1888) analisa e explica este processo de ressignificação do “selvagem” no meio urbano, que pode ser atribuído ao contexto paulistano de final do século XIX e começo do XX. Até o século XVII, as florestas eram vistas com maus olhos por fornecerem refúgio aos fora da lei e base para criminosos de alta periculosidade. Sendo de rusticidade e perigo, sua superação simbolizava o triunfo da civilização.<sup>7</sup> A partir do século seguinte, este cenário muda com o avanço da modernidade e as consequências sócio-ambientais do crescimento urbano, populacional e industrial. De acordo com Thomas,

(...) uma combinação de voga literária e fatos sociais criara genuína tensão entre o infatigável progresso da urbanização e o anseio rural a que um número crescente de pessoas estava sujeito. Tais anelos indicavam claramente que não eram poucos os que entendiam que, embora o mundo da natureza devesse ser domesticado, não devia ser completamente dominado e suprimido.<sup>8</sup>

Já no século XIX, o novo ideário sobre a paisagem se firmara: os cidadãos apreciavam o cenário selvagem pela fuga que este proporcionava dos barulhos provenientes das

---

5. Backheuser sugere ainda que as vilas operárias providenciem um espaço destinado a um parque para convivência dos moradores. Everardo Backheuser. *Habitações Populares*. Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. J. J. Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1906, p. 9.

6. François Beguin. “As maquinarias inglesas do conforto”, *Espaço & Debate*, 34 (1991), p. 53.

7. Keith Thomas. *O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 277.

8. Idem, p. 359.

idades e das fábricas. Essas sensibilidades foram satisfeitas com a criação de parques e jardins que funcionavam como “(...) oásis artificiais ou vislumbres de um mundo idealizado, cuja própria existência sublinhava sua oposição fundamental com os valores essenciais da sociedade em seu cotidiano.”<sup>9</sup>

São Paulo é, portanto, o espaço onde se evidencia a domesticação da natureza por seus habitantes.<sup>10</sup> Concomitante a esta habilidade ou tarefa, a característica “construtora” do povo paulista, afirma-se no final do XIX com o crescimento demográfico e econômico da região, proporcionados pelas instalações de fábricas, ferrovias, entre outros empreendimentos. As paisagens referentes à beleza natural são pouco citadas perante este assunto, mas quando aparecem, estão associadas ao poder transformador do homem, de modo a ressaltar o caráter “construtor” do paulistano.<sup>11</sup> Nesse sentido, o rural ainda tem importância para manter o status econômico atribuído à cidade, mesmo que seja na perspectiva de ser dominado e não contemplado.

Ao tratarmos da permanência rural no espaço metropolitano paulista, não podemos desconsiderar as estratégias populares de abastecimento alimentício. No final do século XIX e já adentrando os anos iniciais do XX, era muito comum a presença de vendedores ambulantes que tiravam seu sustento da produção em seus próprios quintais. Os quintais, principalmente de sítios e chácaras nos arredores da cidade, forneciam gêneros alimentícios aos paulistanos e permitiam que sujeitos como “caipiras” e “pretas de tabuleiro” ocupassem a cena urbana vendendo sua pequena produção de quitutes, frutas, verduras, ovos, leite, ervas, etc.<sup>12</sup>



Comércio em frente ao  
Teatro Municipal - Pastore, Vincenzo (1910).  
Acervo fotográfico do Instituto Moreira Salles.

9. Idem, p. 406.

10. Maria Stella Bresciani. “Imagens de São Paulo”, *op. cit.*, p. 20.

11. Idem, p. 41.

12. Isabela do Carmo Camargo. *Entre cestos e pregões: os trabalhadores ambulantes na cidade de São Paulo 1890-1910*. Dissertação de Mestrado em História Social. PUC-SP, 2013, p. 25.

As carroças ou cestas que carregavam essa produção, assim como os ambulantes que as conduziam, não ornavam com a imagem progressista e salubre que a elite e o poder público paulistano aspiravam consolidar, iam na contramão do projeto de remodelação do Mercado da 25 de Março, proposto pelo prefeito Antonio Prado (1899-1910). Junto com o Mercado da 25 de Março, o Mercado da São João, o Mercado do Largo Riachuelo e o Matadouro Municipal da Vila Mariana, formavam o grande centro de abastecimento de São Paulo. A intenção da municipalidade com essa rede era substituir as vendas precárias de alimentos exercida por ambulantes nas ruas centrais da cidade, nas escadarias da Igreja da Misericórdia e da Igreja do Carmo e também na Rua das Casinhas.<sup>13</sup> Apesar do esforço em eliminar a informalidade do comércio alimentício, os mercados e o matadouro não eliminaram a presença de vendedores ambulantes nas ruas de São Paulo, o que muito colabora para a reflexão acerca da origem dos alimentos comercializados. Fora do Mercado, verdureiras e floristas complementavam a renda familiar com o excedente de seus quintais, tornando a rua uma vitrine móvel de frutas, flores, hortaliças e legumes.

Antiquadas perante o progresso dos mercados na capital, as variações de carroças eram indispensáveis para o transporte de gêneros naturais e alimentícios na cidade. Carroças, carrinhos, bicicletas e triciclos eram instrumento da venda dos produtos cultivados nos quintais e mercantilizados pelos vendedores ambulantes nas ruas da capital. Carroças e carrinhos transportavam gêneros de primeira necessidade, como leite, pães, hortaliças, lenha e carne.<sup>14</sup> A informalidade desta categoria comercial, assim como a humildade e a sujeira estampados nos rostos e nas roupas de seus praticantes, apesar de indesejáveis, eram, assim como o rural, parte do cenário paulistano em sua região central e em torno de seus mercados. Em 1872, o governo tenta se desfazer deste incômodo com a Lei Provincial nº 4, que no 15º Artigo determina que “os quitandeiros e mais pessoas que vendem frutas, hortaliças ou legumes não o poderão fazer sentados ou parados nas ruas e praças da cidade, devendo para isso dirigir-se às praças de mercado, sob pena de 5\$000 de multa e dois dias de prisão”. No que diz respeito à higiene pública, os mercados podem funcionar como instrumento do poder público para fiscalizar melhor os comerciantes de gêneros alimentícios e suas mercadorias.<sup>15</sup> Facilita-se também o controle sobre a salubridade e sobre a cobrança de impostos exercida sobre os expositores. Neste contexto

---

13. Maria Stella Bresciani. “Sanitarismo e preocupações estéticas: o Mercado Central de São Paulo.” In: *Seminario Internacional do Programa Internacional de Investigaciones Sobre el Campo Urbano y las Condiciones Historicas de Emergencia de las Competencias Urbanisticas*, 1996. Seminario Internacional. Vaquerias – Argentina. v. 2. p. 10 e 11.

14. Isabela do Carmo Camargo. *Entre cestos e pregões, op. cit.*, p. 25.

15. Ainda assim, Isabella Camargo elucidou sobre o próprio interesse do poder público em manter os vendedores ambulantes nas áreas mais afastadas do Mercado, de modo a resolver sem ônus para os cofres públicos a necessidade de abastecimento



de tensão, entende-se que, à revelia da coexistência entre rural e urbano em São Paulo, a ideia de controle vem com o urbano. Trazendo estes dois aspectos para a formação social da cidade, seria como se o rural representasse o selvagem e o urbano o civilizado, este imbuído da tarefa de domesticação de toda esfera primitiva e perigosa ligada ao rural.

## Quintais urbanos

Parte integrante da casa, o termo quintal surgiu para designar uma “quinta”, ou seja, uma pequena parcela de terreno localizada ao lado ou atrás da casa e ocupada com atividades de cultivo vegetal. O quintal separa os lugares de residência e produção dentro da moradia em função, principalmente, da presença de elementos representativos da esfera urbana e rural que o compõe.<sup>16</sup> Assim, os quintais se apresentam como espaço onde se pode pensar a relação sociedade/natureza dentro do espaço urbano através da criação de animais, cultivo de árvores frutíferas, plantações, ervas medicinais e costumes cotidianos que refletem a coexistência entre rural e urbano no processo de formação material e identitária da cidade de São Paulo no final do século XIX. Entre as fontes que possibilitam construir a história dos quintais no contexto apresentado, destaco as fotografias como importante instrumento de análise para entendermos o quintal enquanto espaço de construção e resistência da história ambiental paulistana.

A maioria das fotografias analisadas pertencem ao Centro de Memória Iconográfica da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo. O Acervo Iconográfico é formado basicamente por fotografias, totalizando cerca de 5.000 imagens, com datas-límites entre 1923 e 2009, remetem a temas onde a atuação dos profissionais da Faculdade de Saúde Pública foi e é relevante. Entre os diversos temas que compõem o acervo, selecionei educação ambiental, habitações e educação sanitária para construir a análise social dos usos e funções dos quintais pela população paulistana considerando a dinâmica urbana e rural da cidade. As imagens utilizadas para a construção deste artigo não possuem datação especificada, mas o contexto ao qual se inserem – formação do curso de Educadoras Sanitárias e a instituição da reforma sanitária promovida por Paula Souza, sugere que pertençam à década de 1920.<sup>17</sup>

---

da população ali residente. De acordo com a autora, esta dinâmica colaboraria para a relativa frouxidão que permeava a aplicação de leis restritivas ao comércio informal nas ruas de São Paulo.

16. Helena Lucia Zagury Tourinho e Maria Goreti Costa Arapiraca da Silva. “Quintais urbanos: funções e papeis na casa brasileira e amazônica”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*. Vol. 11, n. 3 (set-dez. 2016), p. 635.

17. O Acervo Iconográfico, bem como outros fundos e coleções que compõem o Centro de Memória da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, estão em fase de organização para a elaboração de um guia do acervo e disponibilização do material para pesquisa. As imagens não estão disponibilizadas pela internet, mas podem ser consultadas em formato digital

O recurso fotográfico foi utilizado na formação de médicos e agentes de saúde pública com o objetivo de integrá-los à situação sanitária da população. Os registros foram utilizados tanto na elaboração de relatórios como nas práticas docentes, para ilustrar palestras. Sobre sua contextualização e função, as fotografias foram tiradas no âmbito do trabalho de inspeção sanitária que buscava mapear a cidade e dar visibilidade às questões pertinentes à saúde pública. Assim, as imagens capturadas seguiam um roteiro de indagação acerca das condições de vida e saúde da população a ser retratada, tornando-se importante documento de registro e divulgação da intervenção e educação sanitária do Instituto de Hygiene, da negociação com as autoridades municipais e dos hábitos populares disseminados.<sup>18</sup> A fotografia exerceu um papel importante enquanto documentação e divulgação de hábitos de higiene e costumes da população, assim como meio propagador das intervenções propostas pelos médicos do Instituto de Hygiene. Durante a década de 1920, médicos higienistas e educadoras sanitárias em formação visitavam e fotografavam habitações coletivas, fábricas, casas comerciais e escolas a fim de familiarizarem-se com a situação sanitária da população. Assim, a fotografia foi usada como um instrumento para viabilização de um amplo projeto de reformas estruturais e higiênicas que tinham nos costumes da população pobre seu principal foco. Analisados pelo viés da cultura material, os quintais retratados apresentam indícios da vida cotidiana, social e de trabalho dos sujeitos envolvidos no ambiente. Para que a fotografia não funcione como uma carta descritiva, é preciso considerar documentos adjacentes que permitam a leitura interpretativa das fotos em seu contexto, considerando os elementos vivos e materiais que a compõem. Códigos legislativos como o Sanitário, Posturas, Padrão Municipal, relatórios de higienistas e leis de ordenação para habitação ajudam a identificar as funções desempenhadas pelo quintal e permitem reconhecer possíveis infrações sanitárias que agredam a saúde e o meio ambiente.

Enquanto recurso moderno de captação de paisagens e sujeitos, a fotografia foi utilizada para registrar processos de transformação. Nesse sentido, a finalidade e o contexto das imagens analisadas são pertinentes ao estudo e aos questionamentos voltados a ela. No caso das fotografias dos quintais de cortiços, o Fundo Educadoras Sanitárias permite inseri-las num momento de mudança das estratégias de promoção de saúde na cidade. Visto que muitas fotografias retratam a precariedade sanitária – esgotos

---

nas dependências do próprio Centro de Memória, que funciona dentro da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo (Av. Dr. Arnaldo, 715).

18. Heloísa Helena Pimenta Rocha. *A higienização dos costumes. Educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas/ São Paulo: Mercado das letras/ Fapesp, 2003, p. 102.

a céu aberto, dificuldade de obtenção de água, insuficiência higiênica das latrinas –, a importância do registro vai além do conhecimento de causa, funciona como argumento para a implantação de ações preventivas. De acordo com Richard Gonçalves André, a fotografia é mais do que uma técnica de congelamento da realidade objetiva, ela é uma representação, a materialização de uma ideia construída a partir do lugar social do fotógrafo.<sup>19</sup> Assim, as concepções do fotógrafo moldam o registro através de seus ângulos, objetos retratados, poses e disposições dos elementos fotográficos. Daí a importância de reconhecer, na imagem, a intencionalidade do programa ao qual ela está vinculada.

O trabalho fotográfico não se restringiu às condições da habitação coletiva. Espaços públicos como praças, repartições públicas, cadeia, hospício, feiras, mercados, açougues, estação de tratamento de água, enchentes e práticas de educação sanitária nas escolas. As fotografias vislumbram um novo traçado urbano a partir de um contraponto com as mazelas da cidade. Ao registrar lugares da presença pobre na cidade, tidos por suspeitos ou insalubres, os médicos higienistas captaram cenários e comportamentos que desafiavam a ordem civilizada cristalizada nos retratos do triângulo. Quanto à organização e classificação das imagens, nota-se que as legendas seguem um padrão diversificado, podendo relacionar a imagem ao seu local de estabelecimento, a sua tipologia ou ao problema que fez a fotografia uma ação necessária, como improviso material ou superpopulação dos cortiços, presença de lixo nas ruas, poças d'água, etc. Assim, as legendas são grandes indícios da intenção do fotógrafo ao registrar determinada cena. Aliadas no processo de interpretação da imagem, as legendas colaboram para persuasão de quem vê sobre aquilo que deve ser visto, divulgando então o trabalho dos médicos higienistas e educadoras sanitárias.<sup>20</sup> Como todo documento histórico, as fotografias estão repletas de vestígios competentes ao seu tempo e ao sujeito que as produziu. De acordo com Burke (2001), assim como ao analisar um texto, devemos estar atentos à mensagem e ao remetente das fotografias, indagando-nos sobre o que aquele remetente quer dizer através da imagem e por quais motivos. Deste modo, a busca pela construção da cultura material dos quintais através destas fotografias traz, nas legendas, tomadas e propósitos dos registros analisados, muitos elementos da história social paulistana e das relações de poder imbricadas no cotidiano do início do século XX.

---

19. Richard Gonçalves André. "Cafeicultura e degradação ambiental." In: Paulo H. Martinez (org.). *História ambiental paulista: temas, fontes, métodos*. São Paulo: SENAC, 2007, p. 156.

20. Idem, p. 104.

As imagens a seguir nos permitem desvendar a cultura material do quintal e o cotidiano dos habitantes dos cortiços, assim como reminiscências da sobrevivência oriunda da natureza nestes quintais construídos no centro urbano e formatados como tal. Veja-se o exemplo desta habitação coletiva da Rua Ruy Barbosa:



Centro de Memória da Faculdade de  
Saúde Pública de São Paulo – imagem 708 001.

A grande quantidade de arame e taquara destinados à secagem de roupas, bem como a armação em madeira e telha onde há peças quarando, são indícios não só de uma grande quantidade de habitantes no cortiço, mas de ser o quintal um espaço privilegiado para o trabalho das moradoras desta habitação. O ofício de lavadeira era muito comum entre as mulheres pobres de São Paulo e, para estas trabalhadoras, o quintal é grande aliado do exercício de suas funções, sobretudo para aquelas que não moram próximo às várzeas. O pequeno abrigo à esquerda, construído em tijolos e madeira, é destinado em partes para alocar instrumentos do trabalho doméstico e assalariado das moradoras deste cortiço, como vassoura e barril. O cercadinho de arame contíguo ao abrigo contém plantas cujo destino não se pode objetivar. De acordo com seu tamanho, local e estrutura, este espaço pode ter sido idealizado para implantação de horta ou galinheiro, duas fontes de produção comuns quando se trata de quintais populares.

Riquíssimo em elementos estruturantes do cotidiano da população encortiçada, o registro a seguir pertence a um cortiço da Mooca:



Centro de Memória da Faculdade de  
Saúde Pública de São Paulo – imagem 723 001.

Do ponto de vista físico, este quintal possui chão de terra batida e, diferente dos quintais de várzea e periferia, não possui nenhum tipo de vegetação. Sua estrutura precária é evidenciada nas paredes semi-concretadas, com eventuais buracos e quinas despedaçadas. O puxadinho de tábuas de madeira à esquerda, assim como o lençol improvisadamente fazendo de porta no centro da estrutura, contribuem para o aspecto pobre da moradia, assim como para o diagnóstico economicamente precário de vida da população residente. A estrutura edificada chama atenção pela falta de janelas, recurso fundamental para os higienistas que regulavam a salubridade das habitações. O fato, portanto, já coloca o cortiço em condição irregular. Os elementos humanos captados na imagem nos permitem uma análise social do momento. Observa-se mulheres de diferentes idades em diferentes funções: as mais velhas estão lavando roupa enquanto as mais novas parecem cuidar da população infantil do cortiço. Para além do bebê no colo da mulher à esquerda e da criança no canto direito da foto, duas cadeirinhas de balanço evidenciam a presença infantil nesta habitação. As galinhas soltas neste quintal podem indicar a falta de um espaço destinado especificamente a abrigá-las, desconfiança causada pela própria precariedade já analisada do ambiente. A configuração do espaço neste quintal não prioriza a criação de animais em grande quantidade ou quantidade suficiente para produzir um excedente à subsistência, de modo que as galinhas certamente não tinham fins comerciais para estas famílias. Sobre as funções deste quintal coletivo, pode-se elencar o preparo de alimentos, dada a armação em tijolos e a presença de latas com furo no meio, artefatos



utilizados no aquecimento e cozimento da comida. A estruturação da cozinha no espaço do quintal também se evidencia na bacia de utensílios alocada próximo à primeira porta da direita. Outros instrumentos ligados às atividades domésticas também são alocados no quintal, como vassouras e tachos de lavar roupa. Este último, assim como a estrutura baixa improvisada em madeira, os baldes e bacias de metal, podem pertencer também ao universo produtivo das lavadeiras, mulheres que se utilizam do quintal para realizar seus afazeres domésticos e economicamente produtivos.

Tendo por foco a cidade e seus habitantes, as fotografias emitem um discurso em torno da cidade civilizada e seu contrário, expresso nas condições de vida da população pobre. Tal discurso não só diagnostica uma situação, como justifica a necessidade de intervenções voltadas a um cotidiano civilizado que não se restringe às obras de edificação, circulação e embelezamento na cidade, mas de fato educam a população em conformidade com as noções de civilidade incrustadas nos hábitos de higiene e comportamento da população pobre, conforme o exemplo a seguir:



Centro de Memória da Faculdade de Saúde Pública  
de São Paulo – imagem 20151029092934\_00001.

A imagem denuncia o meio insalubre em que crianças descalças e galinhas convivem com um pequeno córrego de águas servidas e o encanamento aparente. Alimentação, destino de dejetos, criação de animais, trabalho e lazer dividem o mesmo espaço do quintal. Ao registrar as mazelas do cotidiano da classe pobre paulistana, os sanitaristas fazem da máquina fotográfica um instrumento a serviço da produção de um discurso sobre a cidade e seus habitantes.

A próxima fotografia, apesar do carisma emanado pela pose dos sujeitos retratados, também é uma denúncia de irregularidade do destino dado aos dejetos orgânicos dos moradores:



Centro de Memória da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo – imagem 721 001.

A imagem associada à legenda transmite a necessidade de remodelação do espaço e comportamento nas habitações coletivas e várzeas de São Paulo sob o filtro do higienista, que materializa sua proposta no produto fotográfico. No conjunto de representações da cidade e dos elementos de formatação do discurso sanitário, as fotografias captadas por médicos e estudantes sanitários associam a pobreza às doenças, ao atraso, à sujeira e à desordem. Desse modo, não podem ser compreendidas como simples instrumentos da formação de profissionais da saúde, pois o ato de fotografar e o seu resultado cumprem a função de legitimar discursos e intervenções disciplinadoras.

Além da câmera fotográfica, uma ficha epidemiológica acompanhava as educadoras sanitárias em visita aos cortiços. Os questionamentos dispostos na ficha permitiam a caracterização de possíveis doenças, seu hospedeiro e também de toda uma localidade e população sujeita ao risco de contrair determinados males, considerando seu modo de morar, seus hábitos e seus recursos de abastecimento. A consciência sanitária que as educadoras almejavam criar na população paulistana fazia parte da reforma sanitária instituída por Paula Souza na década de 1920, que deslocou o policiamento para a

educação. A prática baseada no policial do vizinho e sua habitação, esgoto, água, lixo, etc, deu lugar a persuasão do indivíduo no sentido da tomada de consciência e então prevenção de doenças epidêmicas.<sup>21</sup> A partir de 1921, o Instituto passou a oferecer cursos especificamente voltados às deficiências registradas pelo trabalho de campo dos médicos sanitaristas e educadoras sanitárias, como pós-graduação em profilaxia da malária e ancilostomíase, curso intensivo de Higiene Rural e Instrução em Higiene para alunos da Escola Normal, este último com 200 matrículas no ano de abertura. O objetivo do *Curso de Educadoras Sanitárias* era formar as profissionais do magistério com o intuito de ampliar a estratégia de conscientização dos hábitos de higiene e das formas de disseminação e prevenção de doenças entre as crianças e suas famílias. A escolha pelas normalistas foi justificada pela falta de enfermeiras que pudessem ser designadas para esta função educativa. Entre as matérias que compunham o currículo do Curso de Educadoras Sanitárias:

- 1ª Noções de Bacteriologia aplicada à Higiene.
- 2ª Noções de Parasitologia e Entomologia aplicada à Higiene.
- 3ª Noções de Estatística vital e Epidemiologia.
- 4ª Higiene pessoal, Nutrição e Dietética.
- 5ª Higiene Infantil.
- 6ª Higiene Mental, Social e do Trabalho.
- 7ª Higiene Urbana, Rural e das Habitações.
- 8ª Ética, Educação e Administração Sanitárias.
- 9ª Princípios e Processos de Enfermagem em Saúde Pública.<sup>22</sup>

O curso vigorou até 1961, tendo algumas alterações ao longo de sua existência, mas mantendo saúde, instrução e moral como o tripé que sustentava a estratégia de ação das educadoras sanitárias.<sup>23</sup>

Quando a realidade teimava em contrariar as investidas de uma nova ordem sanitária na urbe, cabia aos médicos higienistas traçar novas estratégias de intervenção. Nesse sentido, a fotografia foi usada como importante instrumento num projeto de reavaliação dos costumes que tinha por alvo principal a população pobre da cidade. Perante as

---

21. Helena Pimenta Rocha. *A higienização dos costumes*, op. cit., p. 142.

22. Decreto nº 4.089 de 17/08/1926. Apud Ibidem, p. 150 e 151.

23. Helena Pimenta Rocha. *A higienização dos costumes*, op. cit., p. 141.

atividades do Instituto de Hygiene, as fotografias eram elementos técnicos de grande valor na investigação sanitária, já que registravam e testemunharam o modo de vida e saúde na cidade, ao mesmo tempo em que dava visibilidade às intervenções destes novos homens da ciência.<sup>24</sup> A autonomia do Instituto de Hygiene com relação ao Serviço Sanitário deu-se em meio a debates entre os representantes do poder público e seus interesses no controle não só deste órgão regulador como também das estratégias de remodelação do modo de pensar e agir sobre as questões sanitárias. Sobre suas competências, destaco aquilo que, no Artigo 3º, diretamente influencia no modo de análise e modificação dos hábitos urbanos de moradia e veiculação do processo saúde-doença:

- a) realizar o curso de hygiene da Fculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (...) e bem assim os cursos de aperfeiçoamento technico para funcionários do Serviço Sanitário, de habilitação profissional para enfermeiras e visitadoras de saúde pública (...).
- b) effectuar pesquisas de caráter geral ou local, e nas matérias de sua atribuição e competência, prestar inteira colaboração ao Serviço Sanitários.
- c) estudar planos e methodos de camapnha sanitária e adaptal-os ao meio indicado.
- (...)
- h) orientar o ensino popular de hygiene e a propaganda sanitária em geral. <sup>25</sup>

A fotografia era tão nova no Instituto quanto a figura e representação do higienista, de modo que ambos deveriam apresentar-se como eficazes para o desempenho das estratégias de salubridade em São Paulo, e nisso foram aliados.

Examinando, registrando e fotografando as condições de abastecimento de água, esgoto, tratamento de lixo e nível sanitário das habitações coletivas, coletando dados sobre natalidade e mortalidade, os alunos destes cursos vão familiarizando-se com a realidade de saúde da população. Não estando restrito à valoração de conhecimento dos alunos, o feito também munia o Instituto de Higiene com dados de diversas regiões a respeito do abastecimento de água, tratamento de esgoto, destino do lixo, estatísticas vitais, problemas decorrentes da falta de saneamento e condições sanitárias das habitações coletivas. O feito possibilitou a produção de conhecimento sobre a cidade e seus habitantes, sendo decisivo para a articulação de novas estratégias de intervenção baseadas na vigilância e persuasão.<sup>26</sup>

---

24. Idem.

25. Lei nº 2.018, de 26/12/1924. *Apud* Idem, p. 85.

26. Idem, p. 139.

## Quintais de várzea

Dada a realidade plural de construção da urbe paulistana, tanto do ponto de vista material quando da diversidade de seus moradores e transeuntes, torna-se importante analisar socialmente em que medida ocorre essa “mistura” entre urbano e rural na capital. Os espaços da cidade que ultrapassam o centro urbano apresentam-se populosos, mas pouco integrados ao núcleo central, como se a cidade ignorasse ou quisesse esconder sua expansão.<sup>27</sup> Isso porque, apesar de necessário, o rural representa um incômodo para a cidade que dá boas vindas ao progresso, às linhas férreas, aos barões do café, à indústria e ao trabalhador branco. Para fora do Triângulo, há uma realidade social que sustenta a cidade, mas que é indesejável à sua imagem: os moradores dos cortiços e das várzeas que circundam o centro fornecem alimento e roupa limpa para a cidade, mas sua informalidade, sua insalubridade e muitas vezes seus vícios e promiscuidade devem ser apartados da paisagem e da identidade paulistana.

Saindo do núcleo urbano, outras fotografias permitem problematizar o quintal e meio ambiente na cidade. Era da várzea que vinha o sustento da classe pobre. Além das lavadeiras que na beira do rio desempenhavam sua função, a várzea provia à população capim, peixe e lenha cotidianamente e estava cercada por casas e ambulantes ligados ao comércio. No caso das habitações de várzea, era muito comum que os “fundos” não tivessem cerca ou que essa delimitação fosse precária ou pouco privativa, de modo que a área externa utilitária à qual denomina-se quintal, fosse quase que contígua às margens do rio. Neste espaço comum a céu aberto, Vincenzo Pastore registrou o trabalho das lavadeiras e nos permitiu um olhar sobre esses fundos de casa rústicos, coletivos, um tanto pobre e com tom rural deveras acentuado para a São Paulo que se quer moderna:



Casario e lavadeira às margens do rio Tamanduateí – Vincenzo Pastore (1910). Acervo fotográfico do Instituto Moreira Salles.

---

27. Idem, p. 18.



Na imagem, nota-se o acesso ao rio feito por escadas estrategicamente distribuídas pelas margens do Tamanduateí, espaço público de utilidade e apropriação desta população da várzea, que constrói sua casa e sua vida nesta beira. A roupa que cerca a lavadeira do lado esquerdo da imagem, assim como as tábuas de madeira que podem ser observadas no canto direito da foto apoiadas sobre o pequeno declive e mergulhadas no rio, são sinais da naturalização com que este espaço se torna uma extensão dos quintais deste casario. Sendo São Paulo cortada por muitos rios, que até o início do século XX estavam abertos e faziam parte da paisagem e configuração da cidade, era possível encontrar quintais cortados ou mesmo delimitados pelo percurso das águas. É o caso do Tamanduateí, “(...) que faz o seu percurso por quase toda sua extensão cortando terrenos particulares, e em alguns que ele faz dividir os quintaes.”<sup>28</sup>

Há poucas imagens do Triângulo, dos transeuntes e ruas do centro da cidade, o que denota uma preferência, talvez romântica, dos artistas pelas paisagens rurais e vistas simples do território, como na aquarela de Debret (1827), onde a cidade aparece ruralizada, com predominância da área verde, o convento em segundo plano, farta presença de animais, poucas e simples casas.



Entrada de São Paulo pelo caminho do Rio de Janeiro – Aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1827.  
(Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX – Ed. Unesp, 1998, p.155)

Essa várzea bela promovida em aquarelas é contradita nos postais da região que remetem à virada para o século XX. Nestes últimos, a várzea e o rural são retratados não em sua realidade romântica, mas em sua realidade social, onde predominam os caipiras, as feiras, as quitandas, o movimento de pescadores e caçadores. Uma realidade onde o rural encontra-se com o urbano na mesma cidade numa impressão incompatível, como

---

28. Centro de Memória CMSP. Atas da Câmara Municipal de São Paulo, 20/11/1888. Sessão Expediente, p. 343.

se fossem o mesmo tipo sanguíneo, mas de fator RH diferentes. No caso, o negativo cabe mais ao rural, é ele que representa o perigo em suas enchentes, pela presença de lixo e animais mortos, pela frequência humana de lavadeiras, pescadores, caipiras, negros, bêbados, prostitutas e toda horda de indesejáveis que a elite paulistana relegara à várzea. Num relatório de Washington Luís expedido em 1916, o rural é posto como lugar das classes perigosas ou indesejadas, sendo usado também como metáfora, conforme o excerto a seguir:

É aí que, protegida pelas depressões do terreno, pelas voltas e banquetes do Tamanduateí, pelas arcadas das pontes, pela vegetação das moitas, pela ausência de iluminação se reúne e dorme (...), numa promiscuidade nojosa, composta de negros e vagabundos, de negras edemaciadas pela embriaguez habitual, de uma mestiçagem viciosa, de restos inomináveis e vencidos de todas as nacionalidades, em todas as cidades, todos perigosos...Era aí que, quando a polícia fazia o expurgo da cidade, encontrava a mais farta colheita.<sup>29</sup>

O rural é selvagem não só pela presença de elementos da fauna e flora em espaços assim designados, mas numa metáfora social, o rural abriga e acoberta o incivilizado em sua obscuridade natural. Washington Luís deixa claro quem são as “ervas-daninhas” que a polícia agricultora precisa colher para o bom funcionamento da sociedade que cultiva com tanto esmero. Ainda sobre as mazelas da várzea, outro membro letrado do corpo técnico e político do município, Teodoro Sampaio deixa entrever a negatividade com que ele, membro da alta classe paulista, enxerga trabalhadoras pobre como as lavadeiras. Segundo ele, era na várzea “onde se faziam os despejos da cidade, soltavam-se animais, cortava-se lenha, e onde todos os ociosos vinham caçar e as lavadeiras faziam o seu mister.”<sup>30</sup> O trabalho das lavadeiras vem junto com o despejo, com os vagabundos nas considerações do engenheiro. Tais mulheres não são, portanto, consideradas dignas e nem seu ofício é reconhecido como trabalho.

Aqui nota-se a vegetação espontânea e mais fechada referida por Washington Luís, bem como as lavadeiras que estabelecem no rio e seus arredores o seu trabalho e sua residência. Era da várzea que vinha o sustento da classe pobre. Além das lavadeiras que na beira do rio desempenhavam sua função, a várzea provia à população capim, peixe e lenha cotidianamente e estava cercada por casas e ambulantes ligados ao comércio.

---

29. Relatório de Washington Luís, 1916. *Apud* Maria Luiza Ferreira de Oliveira, *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização*. São Paulo, 1850-1900. São Paulo: Alameda, 2005, p. 73

30. Relatório de Teodoro Sampaio, 1878, p. 74. *Apud* Idem.



Lavadeiras às margens do rio Tamanduateí – Marc Ferrez, 1890  
(*Caderno de Fotografia Brasileira* – Instituto Moreira Salles, 2004, p. 79)

O ofício desempenhado pelas lavadeiras nos rios e córregos paulistanos apresentava uma conotação ambiental negativa: quando os chafarizes não estavam aptos a desempenhar sua função de abastecimento, a alternativa era buscar fontes naturais para obtenção de água, como bicas, riachos, lagos e rios. Mas o natural não significa limpo ou apropriado. Não raro, essas fontes encontravam-se contaminadas pela lavagem de roupas e presença de animais.<sup>31</sup>

Ao proferir a necessidade de saneamento dessa região em seu relatório de 1916, Washington Luís se refere a um saneamento que Maria Luiza Ferreira de Oliveira chama de “total”, para proteger o paulistano não só das doenças, mas dos vícios recorrentes na população que frequentava a várzea.<sup>32</sup> As vozes que bradavam pela inclusão da várzea no planejamento urbano estavam mais interessadas num efeito de aburguesamento do local do que na melhoria das condições de vida dos habitantes, que representavam tanto perigo quanto os resíduos tóxicos proeminentes do lixo ali despejado. Era na várzea em tinta à óleo de Debret que dever-se-ia acreditar e perpetuar.

A habitação paulistana na virada para o século XX mescla o urbano e o rural em sua materialidade, busca a sobrevivência econômica num meio caracterizadamente urbano, mas através de instrumentos rurais. Assim, o cotidiano social da classe pobre paulistana é de uma luta diária para manter-se numa cidade em que são marginalizados e indesejados pelo progresso urbano, que eles sustentam e constroem com seu labor na margem dos rios,

---

31. Paulo Henrique Martinez (org.). *História ambiental paulista: temas, fontes, métodos*. São Paulo: SENAC, 2007, p. 70.

32. Maria Luiza Ferreira de Oliveira, *Entre a casa e o armazém*, op. cit., p. 76.

suas cestas de verdura, de ovos, seus grupos de cabras trotando, balindo e sacudindo a sineta do pescoço nas ruas cidade. De dentro pra fora, do quintal para as ruas, a classe trabalhadora exhibe a ruralidade que faz de São Paulo uma cidade dinâmica e múltipla em seus moradores, em suas atividades econômicas e em sua paisagem e utilidade urbana e rural. À serviço da salubridade ou da construção da imagem paulistana, as fotografias permitem a construção da história ambiental e urbana da cidade de São Paulo.

## Referências

- ANDRÉ, Richard Gonçalves. “Cafeicultura e degradação ambiental.” In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). *História ambiental paulista: temas, fontes, métodos*. São Paulo: SENAC, 2007, pp. 147-159.
- BACKHEUSER, Everardo. *Habitações Populares*. Relatório apresentado ao Exm. Sr. Dr. J. J. Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1906.
- BEGUIN, François. “As maquinarias inglesas do conforto”. *Espaço & Debate*, 34 (1991), pp. 39-53.
- BRESCIANI, Maria Stella. “Imagens de São Paulo: estética e cidadania.” In: FERREIRA, Antonio Celso; LUCA, Tania Regina de; IOKOI, Zilda (org.). *Encontros com a História. Percursos históricos e historiografia de São Paulo*. São Paulo: Unesp, 1999, pp. 11-45.
- BRESCIANI, Maria Stella. “Sanitarismo e preocupações estéticas: o Mercado Central de São Paulo.” In: *Seminário Internacional do Programa Internacional de Investigaciones sobre el Campo urbano y las Condiciones Historicas de Emergencia de las Competências Urbanísticas*, 1996. Seminario Internacional. Vaquerias – Argentina. v. 2. pp. 1-22.
- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol. II – Burgo de Estudantes (1828-1872). Hucitec: São Paulo, 1984. p. 576.
- CAMARGO, Isabela do Carmo. *Entre cestos e pregões: os trabalhadores ambulantes na cidade de São Paulo 1890-1910*. Dissertação de Mestrado em História Social. PUC-SP, 2013.
- MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). *História ambiental paulista: temas, fontes, métodos*. São Paulo: SENAC, 2007.
- OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira. *Entre a casa e o armazém. Relações sociais e experiência da urbanização*. São Paulo, (1850-1900). São Paulo: Alameda, 2005.
- PELLITERO, Ana Maria Moyá. *La percepción del paisaje urbano*. Editorial Biblioteca Nueva: Madrid, 2011.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *A higienização dos costumes. Educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas: Mercado das letras, Fapesp, 2003.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TOURINHO, Helena Lucia Zagury e SILVA, Maria Goreti Costa Arapiraca da. *Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica*. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 11-3 (set-dez. 2016), pp. 633-651.

Artigo recebido em 7 de setembro de 2019.

Aprovado em 2 de dezembro de 2019.